

**ENTRE OS ESTILHAÇOS DO EU E OS FRAGMENTOS PERSECUTÓRIOS DO
SEIO: PARAGENS ESQUIZO-PARANOIDES NA POÉTICA
DE EDGAR ALLAN POE**

*BETWEEN THE SPRAYS OF THE SELF AND THE PERSECUTORY FRAGMENTS OF THE
SINUS: SCHIZO-PARANOID PLACES IN POETICS
BY EDGAR ALLAN POE*

Guilherme Ewerton Alves de Assis¹
Hermano de França Rodrigues²

Resumo: Percorreremos os recônditos mais profundos e penumbrosos do conto *Morela* (1835), escrito pelo mestre do horror, Edgar Allan Poe, no intento de sondar a história de amor entre o narrador autodiegético e essa amiga, Morela. Uma atmosfera de mistério paira sobre o enlace de ambos, pois a união não fora motivada pelo amor, mas pelo desabrochar de um sentimento, metaforicamente, denominado de chamas que “não eram as de Eros”. A ausência de amor e o florir de um estranho sentimento que atormenta o espírito do narrador avultam, deveras, ignóbil e execrável ambiente. Como fruto do idílio tortuoso e bizarro entre o narrador e Morela, nasce uma filha – com *imagos*, traços e trejeitos idênticos ao da mãe. Morela morre, mas deixa sua atroz herdeira. Para tanto, recorre-se aos escritos de Melanie Klein, no que diz respeito aos seus constructos teóricos da posição esquizo-paranoide e posição depressiva.

Palavras-chave: Literatura fantástica; Edgar Allan Poe; Psicanálise; Melanie Klein.

Abstract: *We will go through the deepest and darkest recesses of the short story Morela (1835), written by the master of horror, Edgar Allan Poe, in an attempt to probe the love story between the autodiegetic narrator and this friend, Morela. An atmosphere of mystery hovers over the union of both, as the union was not motivated by love, but by the blossoming of a feeling, metaphorically, called flames that “were not those of Eros”. The absence of love and the flowering of a strange feeling that torments the narrator's spirit loom, indeed, ignoble and execrable environment. As a result of the tortuous and bizarre idyll between the narrator and Morela, a daughter is born – with images, traits and mannerisms identical to her mother's. Morela dies, but leaves her atrocious heir. For this purpose, Melanie Klein's writings are used, with regard to her theoretical constructs of the paranoid-schizoid position and the depressive position.*

Keywords: *Fantastic Literature; Edgar Allan Poe; Psychoanalysis; Melanie Klein*

¹ Graduando em Letras – Português pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Graduando em Filosofia pela Universidade Cruzeiro do Sul. Técnico profissionalizante em Psicologia Clínica e Comportamental (CEPED). E-mail: guilhermeewerton10000@gmail.com.

² Doutor em Letras – Português pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Especialista em Psicanálise: Teoria e Prática pelo Espaço Psicanalítico (EPSI). Professor Associado I, do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas (UFPB) e do Programa de Pós-Graduação em Letras (UFPB). E-mail: hermanorgs@gmail.com.

Introdução

Desde as calendas da Antiguidade, a noção de perdão foi consignada, ganhou novas roupagens, as quais sofreram inúmeras (re)formulações: ora por parte das religiões – sobretudo, a judaico-cristã –, ora em decorrência dos imperativos filosófico-racionalistas. Aristóteles, ao contrário de grande parte dos pensadores de seu tempo, diz que o excesso de perdão é uma deterioração da humanidade. Por apoiar a “via do meio”, o filósofo considera a moderada retaliação e vingança como medidas possíveis em determinadas situações e vivências; por outro lado, há situações que são dignas de serem perdoadas, mas com ressalvas e não em desmedida. Na contemporaneidade, Hannah Arendt, filósofa política alemã, traz considerações profícuas para o estudo acerca do “perdão”. Nesse quadro, Arendt, além de considerar os mandamentos religiosos e morais, debruça-se sobre das concepções políticas. Logo, perdão é um ato político. Ao ter como pedra fundamental dos seus conceitos o cristianismo, a filósofa considera que, além de Deus, o ser humano é capaz e apto de conceder misericórdia. Como resultado, o ato de abolir a culpa do outro é, ao mesmo tempo, livrar-se de fatalismos, assassinatos e matanças; e, mais ainda, é um feito de libertação de si próprio.

Amparados pela teoria da ciência psicanalítica de Melanie Klein, debruçar-nos-emos sobre o conto *Morela* (1835), de Edgar Allan Poe, a fim de escrutinar o teatro horripilante poeano, imiscuído por: fantasias de decepamento (cortes, fissuras e expurgações), ímpetos assassínios, culpa pelas agressividades, reparações pesarosas e, com efeito, o tão almejado *perdão*. O presente trabalho, portanto, vagará pelo horto fúnebre, lavrado pelas garras pontiagudas do horror, incorporadas pela ululada voz de Edgar Allan Poe que ecoa, com virulência, a cantiga fastidiosa de Thânatos, cuja desafinada entonação acorda seres cadavéricos esquartejados que, há tempos, reviram-se em seus túmulos. Para tanto, recorreremos a escritos de Melanie Klein e de seus seguidores insuspeitos, a fim de dar consistência teórico-metodológica.

Entre bebês matricidas e culpas aterradoras na teoria de Melanie Klein

Após o pioneirismo de Sigmund Freud (1856 – 1939), na fundação da ciência psicanalítica, despontaram, arquejados pelo pensamento freudiano, vários outros psicanalistas; contudo, alguns tiveram teorias tão notadamente reconhecidas que, mesmo sem propósitos, consubstanciaram escolas copiosas, como: Jacques Lacan (1901 – 1981), na Escola Francesa, Donald Winnicott (1896 – 1971) e Melanie Klein (1882 – 1960). Esta, desde a adolescência, desejava estudar Medicina, porém, após seu casamento, foi-se malogrado o ímpeto de ser

médica. Em uma das viagens de seu esposo, Klein se depara com o psicanalista húngaro Sándor Ferenczi (1873 – 1933), tornando-o seu analista e, concomitantemente, debruçando-se sobre os escritos de Freud. Na época, a psicanálise se voltou para a compreensão do mundo infantil, no sentido de arquitetar uma clínica para crianças. Por um lado, a técnica da associação livre, pleiteada por Freud e utilizada na análise dos adultos, não tinha aplicabilidade prática, uma vez que não era coerente uma criança ficar falando por horas, no *setting* psicanalítico. Por outro lado, encabeçada por Anna Freud (1895 – 1982), a psicanálise para crianças passou a ser associada ao viés educacional. Todavia, Melanie Klein, por meio da análise com Ferenczi, mediante à observação dos seus filhos, bem como através da leitura das obras freudianas, percebeu que *as crianças, enquanto estão brincando, estão: livre associando*.

Destarte, Klein, em sua obra germinal, *Psicanálise da criança* (1932), percebe que, por intermédio do brincar (caixas lúdicas, bonecos, massas de modelagem etc.), as crianças encenam e teatralizam seu mundo interno. Assim, na concepção kleiniana, a brincadeira é a linguagem, por excelência, dos infantes e, por meio dela, que: são expressos medos e inseguranças, projetam-se as fantasias e se representam papéis sociais (como ser pai, mãe...). A partir do *fort-da*, “Klein viu que o brincar da criança poderia representar simbolicamente suas ansiedades e fantasias.” (SEGAL, 1975, p. 13). Tal concepção possibilitou à psicanalista reconhecer rastros do inconsciente infantil em suas análises. Ainda nos primeiros anos, Klein revoluciona dois grandes conceitos da psicanálise: o Complexo de Édipo e o Superego. Freud, nos Ensaio sobre a Sexualidade, pensando de modo sistemático, diz que: tem-se, primeiro, a fase oral (o bebê experencia o mundo pela boca, obtendo-o no sugar e no morder os objetos); segundo, a fase anal (retenção e liberação das fezes, aparecimento da vergonha e preocupação com a estima do outro); e, por fim, a fase fálica (caracterizada pelo orgulho em relação aos genitais, bem como a crença universal da existência do falo).

Nesta última fase psicosexual, iniciam-se, gradualmente, os conflitos edípicos, marcados pela rivalidade edípica, pela castração, pela saída da fase fálica e, com efeito, pela vivência castradora. Nesse ínterim, são introjetadas figuras parentais (como o pai); emerge-se, então, o que é chamado superego. N’*Os estágios primitivos do complexo de Édipo* (1928), Klein, gerando um certo mal-estar no meio psicanalítico, não corresponde à proposta freudiana supradescrita. O pensamento kleiniano, sagazmente, desmonta o pensamento de Freud, à vista de que *não se pode* imaginar que uma criança (com cerca de 4 anos de idade), imersa na fase fálica, tenha fantasias de pais que devoram, cortam e mordem – afinal, tais características se vinculam aos primeiros tempos, à oralidade, e não aos genitais. Logo, Klein consigna que o

Édipo se instaura, precocemente, na fase oral (impulso sádico anal: morder, cortar, etc.); ou seja, há um Édipo primitivo sulcado por elementos pré-genitais:

[...] as tendências edípianas são liberadas depois da frustração que a criança experimenta no momento do desmame, ou seja, por volta de 2-3 meses, e são reforçadas pelas frustrações anais e uretrais sofridas durante a aprendizagem da higiene. Todo o percurso edípiano [...]. (NASIO, 1995, p. 149)

Assim, além da precocidade do Édipo, Klein também consigna acerca de um *superego arcaico*. Na psicanálise clássica – freudiana –, o Superego é um herdeiro direto do complexo de Édipo, aparecendo somente após as ansiedades de castração (em desenvolvimento normal, 5-7 anos). Porém, na psicanálise kleiniana, o percurso edípiano é vivenciado nos tempos mais arcaicos e, sincronicamente, é imiscuído por angústias persecutórias e culpas atrozadas. Com efeito, divergindo da noção de Freud, a angústia que leva à formação do superego não é em decorrência dos itinerários edípicos, nem dos ímpetos incestuosos, mas provém das pulsões de destruição: nas fantasias e no mundo horrífico infantil, a criança se vê separada da mãe e, no intento de recuperá-la, morde-a e a devora, a fim de lhe roubar os objetos que, segundo a fantasmagoria infantil, encontram-se no interior do corpo materno, como: seio, pênis do pai, outros bebês etc. Por conseguinte, investida por culpa, em uma tentativa de recuperação e, assim como com medo de ser retaliada, a criança tenta reparar o objeto. *Como se tem ataque objetal, e espera-se uma punição, esse objeto passa a ser ameaçador e persecutório para a criança, sendo chamado por Klein como “superego primitivo”*. Assim, o superego urdido por Klein, além de aparecer nos primeiros tempos, possui características semelhantes às pulsões que o formaram destrutivas e selvagens. (SEGAL, 1975). Essa parte da teoria kleiniana não renega o pensamento de Freud, apenas aponta, enfaticamente, que existem rumores e prenúncios primitivos de Édipo e Superego.

Em escritos ulteriores, o pensamento kleiniano é esgarçado e (re)formulado ora tomando Freud como pedra angular, ora diferindo bruscamente. Assim, cumpre dizer, aqui, que há uma divisão paradigmática do modelo freudiano (pulsional), dizendo que o elemento mais variável da pulsão é o objeto; e do modelo kleiniano (relações objetais), consignando que é a relação objetal a criadora da pulsão, ou seja, seria graças ao objeto que a pulsão se origina (GREENBERG; MITCHELL, 1994). Vale salientar, também, que, na clínica kleiniana, o *fantasiar* é mais válido, inclusive, do que a própria realidade. Então, por exemplo, mesmo que uma mãe seja gratificante e amorosa para com seu bebê, um simples momento de desleixo – mesmo que a figura materna esteja em uma “causa nobre” –, será vislumbrada pelo pequeno

rebento, fantasiosamente, como uma mãe má. Deparamo-nos, portanto, com uma conceituação bastante cara à psicanálise kleiniana: a *Teoria das Posições*, composta pela *posição esquizo-paranoide e a posição depressiva*. Apesar de, na historiografia psicanalítica, Klein ter postulado primeiro sobre a posição depressiva, em um desenvolvimento normal, o bebê primeiro atravessará a posição esquizo-paranoide e, doravante, a posição depressiva. Cumpre ressaltar: primeiro, as posições não são experienciadas apenas nos tempos arcaicos, mas continuam durante todo o desenvolvimento do ser humano; segundo, o termo “posição” é adotado em vez de “fase”, pois se refere a estados transitório que são atravessados (ou não), pelo indivíduo. No que tange à posição esquizo-paranoide, em *Notas sobre alguns mecanismos esquizoides* (1946), Klein admite que, desde o nascimento, há um ego rudimentar, embora precário, mas capaz de sentir ansiedade, estabelecer relações objetais, fantasias e, assim como, valer-se de mecanismos de defesa: “Inicialmente, o ego primitivo é amplamente desorganizado, embora, de acordo com toda a tendência do crescimento fisiológico e psicológico, ele possua desde o começo uma tendência à integração.” (SEGAL, 1975, p. 36). Nesse sentido, desde as calendas genesíacas, o ego imaturo do pequeno infante é exposto a experiências que fomentam ansiedades, bem como a vivências angustiosas advindas da realidade. Objetivando-se defender do instinto de morte, o ego deflete-o, projeta uma parte e a outra porção é transformada em agressividade. Com efeito, o ego é *cindido*, projeta a parte, que contém a pulsão de morte, no seu objeto primitivo e ambivalente – o seio (materno):

No começo, era o seio. E o sujeito era o seio. O sujeito só vivia através do seio, sendo o seio (“seio” em seu sentido pleno: a um tempo mítico e salvador em relação ao desamparo do recém-nascido). Mas o bebê, o sujeito, corre risco de ser aniquilado pelo seio: ou desaparece no seio quando este se acha presente, já que ele é o seio, isto é, existe o nada ou a satisfação alucinatória que o anula como sujeito, quando o seio está ausente. Trata-se de um estado de angústia extrema, primitiva, uma angústia que é *sentida* como o medo de ser aniquilado e que assume a *forma* do medo da perseguição. (NASIO, 1995, p. 158)

Klein, ao admitir que existe um ego arcaico, diz, também, que desde o começo da vida, existem as chamadas: *relações de objeto*. Contudo, na posição esquizo-paranoide, os objetos, aos moldes do ego, são clivados em: objetos bons – protetores do ego, instinto de vida – e objetos maus – persecutórios, instinto de morte. Logicamente, os bons são adorados pelo ego e os maus odiados. Como nos primeiros tempos (na posição esquizo-paranoide), a realidade se apresenta de forma minguada, havendo um predomínio de fantasias. Nesse corolário, Klein afirma que há dois principais mecanismos na posição esquizo-paranoide: *a projeção e a*

*introjeção*³. Nesses primeiros tempos, o bebê ainda não tem uma noção de realidade bem definida, logo o que corresponde à mãe é o seio – um objeto parcial, haja vista que o infante ainda não vê a figura materna como objeto total. Assim, na tenra infância, como é observável empiricamente, existe um sadismo (morder, mastigar, puxar, etc.) contra o seio da mãe – e contra o interior do corpo materno.

Entretantes, Klein discute também que o progresso psíquico do bebê, na posição esquizo-paranoide, é regulado e arquitetado por mecanismos de introjeção e projeção: “[...] o ego introjeta objetos “bons” e “maus”, sendo que o seio da mãe serve de protótipo para ambos – ele é um objeto bom quando a criança consegue obtê-lo e mau quando ela o perde.” (KLEIN, 1996 [1935], p. 304). Cabe salientar que o peito considerado “mau” não é apenas por ser frustrador (ausências da mãe), mas, sobretudo, porque o bebê projeta nele sua agressividade. Com a projeção do instinto de morte no seio, este passa a ser visto como danoso e um perseguidor desalmado. Fantasiosamente, como resultado da intromissão do instinto de morte – expurgado pelo ego do bebê – no seio, tem-se, o sentimento de que o objeto que recebeu a projeção (o seio) foi *cindido* em vários pedaços algozes, que se tornaram uma multidão de perseguidores. Em contrapartida, a outra parte da pulsão de morte, que não foi projetada, ou seja, que permaneceu retida no *self* (ego), converte-se em uma agressividade dirigida aos pequenos objetos perseguidores (*seio perseguidor*). (SEGAL, 1975).

Paralelamente a esse mundo de horrores, a libido passa por um processo semelhante ao da pulsão de morte. Nesse caso, projeta-se parte da libido objetivando criar um objeto que irá satisfazer às demandas do ego (*seio ideal*). Em compensação, a outra parte retida da libido é utilizada para estabelecer vínculos libidinais com o objeto ideal. Nas fantasias inconscientes, o bebê lança a monstruosidade do instinto de morte para longe (criando um objeto perseguidor) e, ao mesmo tempo, cria-se, a partir do instinto de vida um objeto ideal. Nesse caso, o seio materno é o alicerce para a realização dessas fantasias. Portanto, “bastante cedo, o ego tem uma relação com dois objetos; o objeto primário, o seio, é, nesse estágio, dividido (*split*) em duas partes: o seio ideal e o seio persecutório.” (SEGAL, 1975, p. 37). Em linhas gerais, o seio mau é o albergue do instinto de morte e o seio bom é o receptor do instinto de vida. A divisão (*splitting*), na posição esquizo-paranoide, é um mecanismo de defesa que permite ao ego elaborar suas experiências. Com tempo, esse processo de divisão em objeto mau e bom, em um desenvolvimento normal, resulta em uma pré-condição para que ocorra em uma *integração* no

³ “A projeção consiste no transporte, para o ‘exterior’, de aspectos de vivências do ego que ele precisa manter “fora”. E a introjeção, no transporte para ‘dentro’, de aspectos de vivências do ego que ele quer ou precisa retirar do ‘exterior’” (SIMON, 1986, p. 89 – 90).

estágio posterior. Nesse ínterim, ocorre a *passagem* – gradual e raramente completa – da posição esquizo-paranoide para a posição depressiva. Contudo, faz-se necessário, para que essa transição se efetive, que as experiências boas predominem sobre as más; pois, a partir disso, o ego perceberá que o objeto ideal (bom) prevalece sobre o objeto perseguidor. Ou seja, com o domínio das vivências ideais, há a noção, em fantasia, que a pulsão de vida é hegemônica quando comparada à pulsão de morte. Por conseguinte:

O ego se identifica repetidamente com o objeto ideal, adquirindo desse modo maior força e maior capacidade para enfrentar ansiedades, sem recorrer a mecanismos de defesa violentos. O medo dos perseguidores diminui, assim como diminui a divisão (*split*) entre objetos perseguidores e ideais. Permite-se a aproximação dos objetos perseguidores e ideais, que assim ficam bem mais preparados para a integração. [...] torna-se possível a aproximação das partes boas e más do ego. [...]. Assim, prepara-se o caminho para a posição depressiva. (SEGAL, 1975, p. 49)

Klein consigna, em *Uma contribuição à psicogênese dos estados maníaco-depressivos* (1935), que, após a posição esquizo-paranoide, gradualmente, chega-se à *posição depressiva*. Em um desenvolvimento considerado normal, o infante sentirá a sobreposição do objeto ideal sobre o objeto persecutório; progressivamente, a divisão entre fantasia e realidade se torna bem fundamentada; como resultado do crescimento psíquico e fisiológico, o ego se enrijece, podendo suportar ansiedades e arquitetar defesas; assim como, a instância materna, que outrora era vista apenas como um objeto parcial (o seio), é vislumbrada como objeto total. Outrossim: “Aumenta a tolerância do bebê em relação ao instinto de morte dentro de si mesmo e diminui seus medos paranoides; [...] e o impulso para a integração do ego e do objeto pode tornar-se gradualmente preponderante” (SEGAL, 1975, p. 80). Enquanto que, na posição esquizo-paranoide, o pequeno rebento fantasiava uma perseguição intensa da multidão de objetos maus e, como defesa, buscava eliminá-los; na posição depressiva, ao perceber que o mau e o ideal estão presentes em um mesmo objeto total – o seio –, o bebê é envolvido por uma intensa *culpa* em decorrência dos seus ímpetos destrutivos (sádico-orais e anais-uretrais) da posição anterior. Como modo de conseguir o *perdão* do objeto: tenta, a todo custo, *repará-lo* (KLEIN, 1996 [1935]).

Poe: teatro dos horrores, objetos decepadados e reparações claudicantes

Consoante ao parecer de H. P. Lovecraft, o verdadeiro conto de horror tem que arquitetar e enclausurar, friamente, em uma atmosfera sufocante e algoz, o personagem e, por

identificação, o leitor. Como sequela, tem-se uma sensação de perturbação e desassossego generalizado:

Se excitadas as devidas emoções, esse “ponto alto” deve ser reconhecido pelos seus méritos próprios como literatura de horror, não importa o prosaísmo em que venha a descambar. O único teste para o verdadeiro horror: se suscita ou não no leitor um sentimento de profunda apreensão, e de contato com esferas diferentes conhecidas; uma atitude sutil de escuta ofegante [...]. E, é claro, quanto mais completa e unificadamente uma história comunique tal atmosfera, tanto melhor é como obra de arte no gênero considerado. (LOVECRAFT, 2000, p. 21)

Nessa mesma obra, Lovecraft dedica, mais à frente, um capítulo inteiro a Edgar Allan Poe, afirmando que este é um insigne artífice na produção do ambiente terrífico, assim como os seus efeitos viscerais no legente. De acordo com as palavras lovecraftianas, a contística de Poe foi pioneira no modernismo do horror, trazendo, em seu enredo, fundamentos psicológicos e alicerces emocionais que estavam incumbidos de, espectralmente, transpor, do papel à imaginação do leitor, a *Angst* – no intento de atingir o famigerado clímax. Os textos de Edgar, assim, estão plasmados em espíritos horríficos que perambulam pelas palavras e vozes endemoniadas do narrador: “[...] decidi ser o intérprete desses sentimentos poderosos e desses não raros acontecimentos ligados não ao prazer, mas à dor, não ao crescimento, mas à decadência, não à tranquilidade, mas ao medo [...]” (LOVECRAFT, 2000, p. 35). O escritor argentino Júlio Cortázar se aproxima do pensamento lovecraftiano e urde, extensivamente, em *Valise de Cronópio* (2006), sobre Edgar Allan Poe. Após discorrer acerca da genialidade do escritor estadunidense, Cortázar afirma que os escritos de Poe têm, por intenção, dominar e submeter emocionalmente o leitor ao medo. Para tanto, os ambientes dos contos poeanos são aspergidos pelo silêncio, frio, delírio, secura, esterilidade e outros adjetivos de mesma linha, que, quando coadunados, sulcam e laboram um horto fúnebre disforme – a deformação humana, sobretudo –, intitulado “espaço” narrativo. Já os intragáveis personagens, no que lhe tangem, são, amiúde, manequins obsessivos, monomaníacos, endemoniados e que vagam, errantemente, por várias idiosincrasias que escapam à “normalidade”; quando cunhados por esse sórdido escritor: “Os personagens de Poe levam ao limite a tendência noturna, melancólica, rebelde e marginal [...]” (CÓRTAZAR, 2006, p. 130–131). Em síntese, toda essa cartografia do horror é timbrada hediondamente nos contos poeanos.

Cumprido dizer, preambularmente, que, em psicanálise, o objeto de amor (esposa, por exemplo) *é uma repetição inconsciente do primeiro objeto arcaico amoroso*, ou seja, a mãe. Freud, ao longo de copiosos escritos, consigna que o sujeito procura *imagos* maternas nos

futuros objetos de amor. (FREUD, 2019 [1912]). Após a castração, a libido permaneceu ligada à mãe e, portanto, percorrerá edipicamente os mesmos caminhos. (FREUD, 2019 [1910]). Em *O motivo da escolha dos cofrinhos* (1913), Freud conjura três mulheres a fim de validar a ideia de que a cônjuge (e a morte) assume, inconscientemente, andrajos psíquicos semelhantes aos que a figura materna os tinha: “Poder-se-ia dizer que para o homem as três constituiriam a inevitável ligação com as mulheres, que aqui são representadas: a que procria, a companheira, a que arruína.” (FREUD, 2019 [1913], p. 120). Didaticamente, poder-se-ia colocar a seguinte equação simbólica: mãe = cônjuge = deusa morte; ou seja, amparados pela psicanálise, podemos realizar uma permuta simbólica entre a figura materna e a esposa. Ao se ter isso como pressuposto, no conto *Morela* (1835), resumidamente, vislumbramos um narrador-personagem, inominado, casado com Morela. Esta, enquanto “viva”, fantasmagoricamente, é percebida por seu marido como uma *perseguidora* atroz. Certo dia, o personagem, em um engodo agonizante vivido na mansão do “horror”, que era seu lar, deseja que sua esposa morra. Enfim, o desejo se realiza, mas, como fruto do pecado, nasce uma filha, no leito de morte de sua esposa, cujos trejeitos e fisionomias são semelhantes aos de sua mulher cadavérica. Infamiliarmente, embora morta a primeira Morela, irrompe-se do seu ventre thanático um *pedaço* – desmembrado, fantasiosamente – do seu corpo. A filha de Morela, além de ter a mesma fisionomia tremenda da mãe, assume também o mesmo nome; e, assim como sua genitora, quando viva, atormentara o narrador-personagem, Morella (filha) também, como um objeto persecutório e malvado, assombra-o.

Nas primeiras linhas do conto, o narrador-marido aborda a sua união matrimonial idiossincrática com Morela: “Era com sentimentos de profunda embora singularíssima afeição que eu encarava minha amiga Morela.” (POE, 1997, p.198); e, ainda: “[...] nosso primeiro encontro ardeu em chamas que nunca antes conhecera; não eram, porém, as chamas de Eros.” (POE, 1997, p. 198). Desde os primeiros momentos do bizarro idílio amoroso do narrador-personagem com Morela, vislumbramos um thanático movimento que circunscreve o casal. Enclausurando-os em seu insólito lar, o narrador-marido e Morela, nos primeiros tempos do himeneu, viviam felizes – devoto e estranhamente, um para o outro. Em um primeiro momento, no início do himeneu, Morela era vista, em fantasias do seu narrador-marido, com um seio bom e ideal. Enquanto a sua Morela, como esposa, estava totalmente devota e amalgamada ao seu marido, este era gratificado: “Ela, contudo, evitava companhias e, ligando-se só a mim, fazia-me feliz.” (POE, 1997, p. 198). No campo fantasístico, aos moldes de um seio bom, “[o objeto ideal] funde-se com as experiências gratificantes de amor e alimentação recebidos da mãe externa real, e é confirmada por essas experiências [reais] [...]” (SEGAL, 1975, p. 37). Nesse

ínterim, nos primeiros tempos do matrimônio, assim como nas épocas arcaicas da posição esquizo-paranoide, o narrador-marido, plasmado no mundo das fantasias, observa sua esposa como um seio bom, por ser totalmente devota e *presente* aos seus desejos, anseios e “fomes”. Contudo, após certo tempo, algumas vivências e posicionamentos de Morela, como uma dedicação excessiva aos estudos, foram percebidos pelo esposo como *ausências* e maldades do seio, outrora, ideal: “A erudição de Morela era profunda. [...]. Senti-a e, em muitos assuntos, tornei-me seu aluno. [...] eu não podia imaginar eram essas obras o seu estudo favorito e constante” (POE, 1997, p. 199). Com a reclusão de Morela, a fim de se debruçar sobre as páginas nefastas, o narrador-marido começa a perceber os afastamentos do seio ideal e, com efeito, a irrupção do seio mau – o que se nega e impõe privações. O mesmo seio que, antigamente, oferecia-lhe alimento e era prestativo, agora, mostra-se como um desalmado e frustrador:

Mas quando o bebê está com fome e seus desejos não são atendidos, ou quando sente dor e desconforto físicos, a situação imediatamente se altera. Surgem sentimentos de ódio e agressividade, e ele é tomado por impulsos de destruir a mesma pessoa que é o objeto de seus desejos e que, em sua mente, está ligada a tudo aquilo que está sentindo – seja bom ou ruim. (KLEIN, 1996 [1937], p. 349)

Imerso na posição esquizo-paranoide, o narrador-marido cinde Morela em duas: seio bom e seio mau, presenças e ausências da esposa, respectivamente. Em uma contiguidade do seio mau, ou melhor, em um encadeamento de afastamentos, a existência de Morela, agora, passa a ser atormentadora para o seu marido. A “cisão” (*splitting*) faz parte de uma série de mecanismos esquizoides, cujo objetivo é dividir tanto o objeto (Morela), quanto o ego (do narrador-personagem) em uma parte boa e em uma parte má. Como já mencionado, o ego arcaico, sendo capaz de sentir ansiedades, projeta uma porção do instinto de morte no objeto – o seio – e, ao vê-lo como maléfico, usufrui-se da outra porção retida do instinto de morte para a agressividade. Outrossim, o instinto de vida é, também, projetado para o mesmo seio (SEGAL, 1975). Como resultado, desde os tempos primitivos do indivíduo, o ego se relaciona com dois objetos (em um). O seio, ao ser dividido fantasiosamente em partes boas e más, será sentido pelo sujeito como ideal e persecutório (perseguidor terrífico):

Na verdade, porém, chegara o tempo em que o mistério da conduta de minha esposa me oprimia como um encantamento. Eu não podia mais suportar o contato de seus dedos lívidos, nem o grave de sua fala musical, nem o brilho de seus olhos melancólicos. E ela sabia de tudo isso, porém não me repreendia;

consciente de minha fraqueza ou de minha loucura, e, a sorrir chamava-a Destino. (POE, 1997, p. 201)

A mãe, a esposa e a deusa morte (Destino), assim como já anunciara Freud (FREUD, 1913), foram instâncias sucessivas percebidas pelo narrador-marido. Ao dividir sua esposa em um objeto mau e bom, assim como projetar seu instinto de morte nela, sente que essa intrusão da pulsão mortífera, o hálito de Thânatos chamando-o para a atroz destruição. Assim, ainda em vida, o narrador-personagem fica oprimido perante a sua perseguidora: “Na posição esquizo-paranóide, a ansiedade dominante é a de que o objeto ou objetos perseguidores entrarão no ego e dominarão e aniquilarão tanto o objeto ideal quanto o eu (*self*).” (SEGAL, 1975, p. 38.) A parte má de Morela (seio mau), ou seja, o albergue do instinto de morte projetado pelo narrador, é sentido como ameaçador para o ego, originando o sentimento de perseguição. Cabe acrescentar que o sentimento fantasioso de que há perseguidores externos é um produto (resultado) ansioso da projeção de partes más do eu (*self*). O ego, como mecanismo de defesa contra esse perseguidor fantasiado, lança toda a sua destrutividade, logo: “a criança também tem desejos libidinais vorazes e fantasias de escavá-los e devorá-los, ou, por causa de seu ódio e inveja, fantasias agressivas de morder, arrancar e destruir [...]” (SEGAL, 1975, p. 16). Morela (pelo menos, a “parte má”), neste momento, transforma-se em uma terrífica entidade capaz de aniquilar o ego do narrador-marido: “As relações objetais esquizoides são causadas por clivagens violentas e projeções excessivas, tornando o outro um perseguidor, para o qual é preciso sempre ficar atento, aplacar e nunca confiar.” (SIMON, 1986, p. 100 – 101). Nesse entremeio e como contra-ataque ao perseguidor (sua esposa, Morela), aflora, inconscientemente, um ímpeto assassínio do narrador-marido dirigido à parte(seio) malvada de Morela:

Poderei dizer então que ansiava, com desejo intenso e devorador, pelo momento da morte de Morela? Ansei; mas o frágil espírito agarrou-se à sua mansão de argila por muitos dias, por muitas semanas, por meses penosos, até que meus nervos torturados obtiveram domínio sobre meu cérebro e me tornei furioso com a demora e com o coração de um inimigo, amaldiçoei os dias, as horas e os amargos momentos que pareciam ampliar-se cada vez mais, à medida que sua delicada vida declinava como sombras ao do morrer do dia. (POE, 1997, p. 200)

Nesse excerto, vislumbramos uma das características mais marcantes das fantasias de destrutividade: verídicos desejos de morte e aniquilamento dos perseguidores. No mundo de fragmentações do bebê esquizoide, aquilo, fantasiosamente, desejado é sentido como se tivesse acontecido. Não suportando mais a angústia e ansiedade advinda da sua vil esposa-

perseguidora, almeja, de modo fremente, vê-la morta e assassinada, se não na realidade, em campo fantasístico: “Quando o bebê se sente frustrado no seio, na sua fantasia ele ataca esse seio; [...]. Nas suas fantasias agressivas, ele deseja morder e despedaçar a mãe e seus seios, além de destruí-la de outras maneiras (KLEIN, 1996 [1937], p. 349). Assim, no universo esquizo-paranoide, o que foi desejado – destruição dos perseguidores – é sentido como se realmente tivesse sido realizado: “[...] ele se sente como se realmente tivesse destruído o objeto de seus impulsos destrutivos e continuasse a destruí-los [...]” (KLEIN, 1996 [1937], p. 349). Com efeito ao desejo de matança do narrador-marido, no enredo, Morela, de fato, morre; e, como últimas palavras, amaldiçoa o seu esposo, declarando que iria nascer, em seu ventre, um *pedaço* – fragmento – de si que seria ainda mais aterrador: “– Repito que vou morrer. Mas dentro de mim há um penhor desta afeição – ah, quão pequena! [...] E quando meu espírito partir, a criança é a mais duradoura das impressões [...]. Porque as horas de tua felicidade e alegria não se colhe duas vezes numa vida [...]” (POE, 1997, p. 201).

Assim, como um presságio, após o falecimento, do ventre pútrido de Morela, bizarramente, nasce uma filha: “como o dissera ela, seu filho, a quem, ao morrer, dera a vida, que só respirou quando a mãe deixou de respirar, seu filho, uma menina sobreviveu.” (POE, 1997, p. 201). Trata-se, na verdade, de um *despedaçamento* do objeto mutilado, ou seja, o narrador-personagem fora tão agressivo em suas fantasias que, além de fabular a morte de sua esposa, *arranca-se um pedaço* – semelhante a ela – do seu seio. Esse desarraigar do pedaço vem sob a forma de um pequeno rebento, a filha. Para Klein, nas fantasias infantis, o corpo da mãe é um alojamento de riquezas, tais quais: seios, pênis do pai e outros bebês. (SEGAL, 1975). Na veleidade destrutiva dirigida ao objeto, escavaca-se o corpo no intento de extrair pedaços, porções e fragmentos. No conto, *expurga-se* um pedaço do seio cadavérico; tanto é que as características da diminuta parte do seio arrancado são semelhantes ao seu objeto-mãe (Morela): “E, estranhamente, [a filha] cresceu em estatura e inteligência, vindo a tornar-se a semelhança perfeita daquela que se fora [sua esposa, Morela]. (POE, 1997, p. 202).

Fatidicamente, o pedaço de infante cresceu de modo rápido, contudo, à medida em que se desenvolvia, avultava-se a sensação de estar sendo perseguido, aos moldes de sua finada esposa, pois a fisionomia e os trejeitos eram iguais aos de Morela: “[...] dia após dia descobria novos pontos de semelhança entre a criança e sua mãe, a melancólica. E a todo instante se tornavam negras aquelas sombras de semelhança e mais completas, mais definidas, mais inquietantes e mais terrivelmente [...]” (POE, 1997, p. 202). No palco hediondo do sujeito esquizo-paranoico, após a pulsão de morte ser enxertada no seio, há-se uma fantasia de fragmentação do peito em muitos pedaços, os quais “perseguem” o homicida responsável pelo

esfacelamento: “[...] enquanto para o paranoico o objeto desintegrado é principalmente uma multidão de perseguidores, pois cada pedaço se transforma em um deles.” (KLEIN, 1996 [1935], p. 313). Ou seja, mesmo após a morte de sua esposa – desintegração do seio –, o narrador-marido continua sendo perseguido pelo pedaço (filha) que foi extraído. Tanto é que, além da igualdade física, o protagonista é levado, por motivos (in)conscientes e que ultrapassam a realidade, a batizar a filha com mesmo nome da defunta: “Morela”.

Considerações Finais

Amparados pela teoria psicanalítica kleiniana, perambulamos pela seara funesta do conto *Morela*, lavrada pela thanática mão do mestre do horror do século XVIII: Edgar Allan Poe. No conto, deparamo-nos com um albergue que serviu de receptáculo de um idílio entre o narrador e sua esposa Morela; contudo, passado algum tempo do himeneu, a casa torna-se um claustro onde Morela, em fantasias do narrador-marido, tornou-se uma figura horrenda, opressora e persecutória. Na verdade, em uma análise kleiniana, trata-se de um narrador-personagem plasmado na posição esquizo-paranoide, cuja projeção da pulsão de morte tornou o seio mau e perseguidor, ou seja, a intromissão do instinto mortífero em Morela, fantasmagoricamente, tornou-a má e persecutória.

Paralelamente, a outra parte da pulsão de morte retida é utilizada como suprimento para a agressividade que será lançada contra o perseguidor. Nesse sentido, após o narrador ter impulsos assassínios, Morela morre. Após a morte, ou melhor, assassinato fantasioso, Morela, moribunda, dar à luz a uma criança, uma filha, a qual só começa a respirar quando Morela dar o último suspiro. O pequeno rebento cresce, estranhamente, rápido, desenvolvendo afeições, trejeitos e fisionomias semelhantes aos de Morela. Logo, através de impulsos destruidores sádico-orais, trata-se de um *pedaço arrancado* do seio. Por ser parte desintegrada do seio (do corpo de Morela), torna-se um algoz perseguidora, também, do narrador.

Referências

POE, E. A. *Ficção Completa, Poesia & Ensaios*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997.

FREUD, S. (1913). O motivo da escolha dos cofrinhos. In: _____. *Arte, literatura e os artistas*. Belo Horizonte: Autêntica Editorial, 2015.

FURTADO, F. *A construção do fantástico na narrativa*. Lisboa: Livros Horizonte, 1980.

KLEIN, M. *Amor, culpa e reparação e outros trabalhos (1921–1945)*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

TODOROV, T. *Introdução à literatura fantástica*. São Paulo: Perspectiva, 1975.

CORTÁZAR, J. *Valise de cronópio*. São Paulo: Perspectiva, 2006.

GREENBERG, J. R.; MITCHELL, S. A. *Relações objetais na Teoria Psicanalítica*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

SEGAL, H. *Introdução à obra de Melanie Klein*. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

SIMON, R. *Introdução à psicanálise: Melanie Klein*. São Paulo: EPU, 1986.

KIEFER, C. *A poética do conto: de Poe a Borges – um passeio pelo gênero*. São Paulo: Leya, 2011.

Submetido em: 1.02.2023
Aceito para publicação em: 3.03.2023